



AO DOMINGO

Considera obrigatório um governo maioritário na próxima legislatura?



Clara Almeida Santos
Vice-reitora da Universidade de Coimbra

“Obrigatório não é o mesmo que necessário e muito menos sinónimo de desejável. Mas os termos parecem ser iguais para muitos órgãos de comunicação social. Cheguei mesmo a ler que o presidente da República “só dá posse a um governo maioritário”. E a propósito do significado das palavras - que, ainda por cima, por natureza, são dotadas de múltiplos sentidos - atentemos ao termo “maioritário”. O que Cavaco Silva faz é a apoloia da estabilidade e dá exemplos de governos de coligação na Europa entre dois ou mais partidos. Ouvindo o discurso na íntegra e sem mediação, percebe-se que a responsabilidade pelas soluções de entendimento a encontrar em Portugal é colocada às costas das forças partidárias. Um “wishful thinking” a condizer com o bizarro fundo escolhido pela Presidência para cenário televisivo das declarações de Cavaco Silva. ☹☹



Elisa Ferreira
Eurodeputada do PS

“Claro que um governo maioritário é o que um partido como o PS está a lutar para conseguir e será bem-vindo, se acontecer. Só admito, quando se fala de maioria absoluta, que seja um governo diferente e que consiga mudar a agenda a que estivemos sujeitos até ao momento. Agora, dizer que é obrigatório, vinda essa ideia do sr. presidente da República, não sei interpretar o que ele quer dizer. Se quer dizer que não dá posse a não ser a um governo maioritário, parece-me complicado de aceitar, sem saber como os portugueses vão votar. A democracia é mesmo isso, aguardar pelos resultados. E depois veremos quais as alianças e alternativas possíveis, se o governo não for maioritário. Mas, como digo, estou com o presidente da República no desejo de um governo maioritário que seja uma alternativa ao atual. ☹☹



Sebastião Feye
Reitor da Universidade do Porto

“Certamente que não obrigatório, mas inequivocamente que muito importante. A história mostra-nos que governos com apoio parlamentar minoritário são fracos e instáveis. Independentemente de necessitarmos de mudanças ou ajustes de objetivos políticos, nós continuamos a necessitar de políticas reformistas firmes, difíceis, tanto no plano do modelo do capital, como relativamente ao modelo do trabalho. Precisamos de evoluir nos modelos de governação política e das instituições públicas, no sentido de tornar a governação mais descentralizada, mais justa no plano do equilíbrio regional, mais ágil e eficaz nas instituições. Dificilmente o conseguiremos com governos de minoria parlamentar, o que pode significar mais um período falhado nas medidas que há a tomar para a necessária inversão da trajetória social e económica negativa em que vivemos. ☹☹